



VII ENLIJE

OBSERVAÇÕES DO ENSINO DE LITERATURA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA REFLEXÃO DO TRABALHO COM TEXTOS POÉTICOS NO LIVRO DIDÁTICO

Orlando da silva (1); Urandy Alves de Melo (1); Henrique Miguel de Lima (2)

(Universidade Estadual da Paraíba, silva.orlando47@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, urandyuepb@yahoo.com.br; Universidade Federal da Paraíba, henrique.miguel.91@gmail.com)

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo discutir, a partir de observações da disciplina de Estágio Supervisionado I, como os textos poéticos são tratados dentro do livro didático de português, e como o professor geralmente trabalha esse material. A partir disso, e com subsídios de teóricos como Marcuschi (2005), Antunes (2003), Alves (2005) e documentos que norteiam o ensino de língua portuguesa, entre outros, foi possível elaborar um trabalho de cunho bibliográfico qualitativo sobre o manual de língua portuguesa e os textos poéticos como suportes para desenvolver a capacidade de interpretação e crítica do aluno. Foram observados ao todo 20 aulas, sendo distribuídas em 10 no ensino fundamental, 10 no ensino médio em duas escolas, situadas na cidade de Catolé do Rocha – Paraíba.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, português, livro didático, textos poéticos.

INTRODUÇÃO/APRESENTAÇÃO

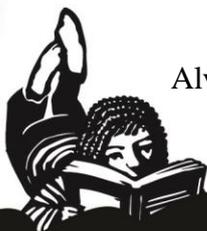
Ainda que muito se debrucem sobre a literatura, é visível que seu tratamento na educação básica se apresenta de forma fragmentada, e insuficiente para atender as necessidades dos alunos como futuros cidadãos autônomos. Muitos aspectos contribuem para esse ensino mecânico da literatura, a exemplo do livro didático, que vem como um “plano” a ser seguido pelo professor, mas que geralmente apresenta atividades superficiais.

Esse trabalho objetiva-se apresentar as atividades desenvolvidas no componente curricular de Estágio Supervisionado I mostrando a trajetória de observações em duas escolas da rede pública, sendo uma estadual e outra municipal, situadas na cidade de Catolé do Rocha – Paraíba. Trata-se de uma descrição minuciosa das metodologias utilizadas pelos docentes observados, e das micro aulas que são requisitos da disciplina.

Foram observados ao todo 30 aulas, sendo distribuídas em 10 no ensino fundamental, 10 no ensino médio e 10 no cotidiano escolar consistindo em 5 para cada uma dessas etapas. A turma observada no ensino fundamental comportava alunos do 6º ano, já no ensino médio, tratava-se de alunos do 3ª ano.

A partir disso, e com subsídios de teóricos como Marcuschi (2005), Antunes (2003), Alves (2005), documentos que norteiam o ensino de língua portuguesa, entre outros, foi

(85) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

possível elaborar um trabalho de cunho bibliográfico, mas usando-se de observações sistemáticas, e assim sendo indo a campo, sobre o manual de língua portuguesa e os textos poéticos como suportes para desenvolver a capacidade de interpretação e crítica do aluno.

1. O MANUAL DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O TEXTO POÉTICO COM PONTE PARA A PROMOÇÃO DA INTERPRETAÇÃO

Sabemos que o campo educacional vem se modificando com o passar do tempo. Mesmo que haja poucas melhoras, não se pode negar que elas existem. O professor pode se sustentar em um leque de possibilidades em materiais didáticos para trabalhar em sala de aula, que vão de os digitais até mesmo aos manuais que já são usados desde o princípio. Olhando pelo lado do manual de língua portuguesa, é possível notar também que mudanças ocorreram perante o livro didático. O “centramento” em regras gramáticas perdeu um pouco sua majestade e abriu oportunidade a criticidade do aluno e a interpretação.

Porém, ao que parece, algo ainda deixa a desejar quando o assunto se trata de desenvolver realmente esses trabalho de interpretação e criticidade, tendo em vista as noções distorcidas do que seria o real estudo de língua dentre os manuais de língua portuguesas adotados hoje em dia.

Os textos dentro dos livros de língua portuguesa usados na educação básica dizem propor não só um estudo às regras gramaticais, mas trabalhar também a capacidade cognitiva, envolvendo as três partes em que se divide o ensino de língua portuguesa: Gramática, Literatura e Interpretação e Produção Textual. O problema encontra-se em equívocos e noções de como fazer isso, gerando uma certa insatisfação. Sobre isso, Marcuschi afirma que

O manual de língua portuguesa usado hoje, seja no ensino fundamental ou no médio, de um modo geral não satisfaz. Muitas são as razões desses estados de coisas. Entre as principais estão suas desatualizações em relação às necessidades de nossa época e a falta de incorporação dos conhecimentos teóricos acerca da língua hoje disponíveis. As análises que buscam comprovar estes aspectos são muitas e minuciosas, mas ainda não renderam os frutos esperados. Os livros didáticos continuam enfadonhos pela monotonia e mesmice sendo muito parecidos. (MMARCUSCHI, 2005, Pag.48)

Ao que parece, a palavra que resume esses aspectos é tentativas, onde os manuais tentam pregar um ensino que trabalhe a criticidade do aluno abrindo janelas para produção e interpretação textual. Porém, a monotonia acaba que atrapalhando os objetivos do livro





VII ENLIJE

didático e o trabalho se torna algo ineficaz e enfadonho tanto para aluno quanto para professor.

Na ala de interpretação os gêneros textuais são apresentados, e os textos que se destacam geralmente estão os literários. Dessa forma os alunos entram em contato com aquilo que deveria ser a chave para o desenvolvimento da criticidade, o problema é que centram-se em atividades de interpretação onde as questões limitam as respostas do aluno, também de forma repetidas de livros para livros.

A intenção aqui não é generalizar, afinal existem sim manuais que abarcam de uma forma que os alunos realmente exercitem a capacidade de interpretação e que tratam os textos literários com ênfase, fazendo um real estudo respeitando o objetivo do ensino de língua portuguesa, aqui no Brasil, destacado nos parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa para o ensino fundamental em:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito; Posicionar de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas... (BRASIL, 1998, p. 07)

Diante disso, fica claro como realmente deve acontecer o ensino de língua, e a partir disso como deve se organizar o material didático, aqui discutido, o livro de língua portuguesa. O texto poético pode contribuir para isso de forma efetiva, mas apenas se trabalhado da maneira correta.

Essa questão de uso da literatura para trabalhar a compreensão textual normalmente não se sobressai como esperado e vários aspectos contribui para isso. Marcuschi em seu trabalho sobre o livro didático apresenta alguns tópicos que fala sobre esses problemas, afirmando que não vem ao caso a falta do uso de textos literários para se trabalhar a interpretatividade do aluno, mas a natureza de como ele é trabalhado. Com isso ele destaca que

a) A compreensão é considerada na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de decodificação de um conteúdo objetivamente inscrito no texto ou uma atividade de cópia. Compreender texto resume-se, no geral, a uma atividade de extração de conteúdos; b) As questões típicas de compreensão vêm misturadas com uma série de outras que nada têm a ver com o assunto. Esta simples mistura já atesta a falta de noção do tipo de





VII ENLIJE

atividade; c) É comum os exercícios de compreensão nada terem a ver com o texto ao qual se referem, sendo apenas indagações genéricas que podem ser respondida com qualquer dado; d) Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexão críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que sugere noção de que compreender é apenas identificar conteúdos. Esquece-se a ironia, a análise de intenção, a metáfora e outros aspectos relevantes no processos de compreensão. (MARCOSCHI, 2005, p. 51)

Os textos poéticos, com sua característica que enfatiza a subjacência, podem e devem contribuir para o ensino na educação básica e superior. Sua propriedade de se moldar com o contexto, visando pelo lado de suas múltiplas interpretações facilitam o desenvolvimento de competências como criticidade e interpretação. O livro didático normalmente apresenta esses textos em seu corpo, mas se chega à conclusão que estão postos de maneira vaga e monótona.

Diante disso, para dar sentido ao trabalho aqui desenvolvido, e para situarmos de forma geral no problema apresentado, discute-se nos próximos tópicos a realidade do ensino de língua portuguesa dentre a maioria dos manuais adotado, fazendo uma breve análise, e colocando o ensino de gramática Vs. o trabalho com a interpretação textual, e a importância de se trabalhar a capacidade de interpretação, sobretudo como apoio dos textos poéticos.

1.1. Cara a cara com a realidade: o “real” ensino de língua portuguesa

Considerando que a linguagem vem se modelando de acordo com as necessidades comunicativas humanas, se faz necessário refletir acerca de como os profissionais da área do ensino de língua lida com esses processos de transfiguração de um novo paradigma. De acordo com o que entendemos com a “lei da vida” aquilo que servia ontem, talvez hoje não atenda as demandas que necessitam-se para se colocarem a frente das cobranças de um corpo social. E no que se diz respeito ao ensino de português, é bastante comum ainda se deparar com metodologias “arcaicas” envolvendo a gramática e seu manual didático.

Numa perspectiva tradicionalista a gramática vem sendo colocada como o “centro das atenções” nas aulas de português para o “falar bem” do aluno. E isso é ruim? De fato, sim. Ela é um componente bastante importante para a disciplina de Língua portuguesa, assim como também a Literatura e a Interpretação e Produção Textual. E quando o docente visa à gramática como a parcela maior é normal que o ensino seja algo fragmentado. Tais componentes devem ser trabalhados em conjunto levando em consideração que cada parte se interliga, e que o aluno vai fazer uso de uma quando estiver trabalhando com outra.

Só falar correto não condiz mais com aquilo que o mundo exige de um indivíduo. A interação comunicativa ganhou espaço tanto no mercado de trabalho, como em qualquer outro

(83) 3322.3222

qualquer outro

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

área em que se situa mais de um sujeito. O compreender a fala do seu semelhante, e vice-versa, vale mais do que saber identifica o que é um substantivo.

Em seu trabalho *Aulas de Português: Encontro & interação* Irlandé Antunes (2003) explora, também, o mundo da gramática e salienta o modo tradicional de se trabalhar esse componente. Termos como “Gramática descontextualizada”, “Inflexível” “predominante” “voltada para nomenclatura” são usados pela autora para descrever como está sendo o papel da matéria desenvolvido, na maioria das vezes, no contexto escolar.

O modo como a disciplina é tratada está diretamente ligado a concepções. Se o docente reconhece que a gramática é a porta para o mundo, e que se seu aluno dominar as regras gramaticais está automaticamente apto a qualquer situação comunicativa, certamente esse professor pautará suas metodologias de ensino para que o discente apenas aprenda (decore) tais especificidades.

Vale aqui lembrar que usamos nossa língua para nos comunicar com nossos semelhantes, assim constituir um ato de interação. E é bastante claro que não é por entender o que é um verbo, artigo, entre outras classes gramaticais que necessariamente um sujeito será capaz de se colocar em um procedimento de interação com o seu congêneres (BRASIL, 1998). O contexto, geralmente mede efeitos no ensino, sabendo que a gramática é reflexível (ANTUNES, 2003), e em certos momentos não se pode explicá-la de forma universal.

Como já foi dito antes, o livro didático de língua portuguesa ultimamente tem deixado uma brecha aberta para outros aspectos que não seja só ensino de gramática, mas pelo tradicionalismo dominante geralmente os professores automaticamente visam mais pelo o ensino de regras. Mesmo com tantas alas sobre produção textual no manual do professor, ainda é possível notar que uma certa fraqueza perante a isso transforma o ensino em algo não tão considerável.

Os livros mais recentes, especialmente dos anos 90, têm uma visão diferente em relação ao tratamento do texto. Há exercícios de compreensão, mas deixam muito por conta do aluno e não dão atenção especial ao professor. Trazem maior variedade textual, menos gramática formalmente trabalhada e mais discussão pessoal. Contudo, ainda evitam questões interessantes, tais como as que se referem à variação e à oralidade. Pode-se dizer que os livros melhoraram o aspecto visual, mas são menos densos e mais dispersivos. (MARCUSCHI, 2005, P.52)

Já sabe-se que os livros didáticos estão buscando se desenvolver de acordo com as necessidades atuais. Infelizmente ainda não se chegou a algo concreto e que de fato ajude o

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

professor a conseguir atingir o objetivo do ensino de língua. Muito se tem a ver com a maneira que os alunos e os textos usados são tratados.

Os modos em que as atividades estão elaboradas interferem diretamente para com isso, tendo em vista que geralmente abarcam perguntas monótonas, e que podem ser respondidas com uma simples transcrição, ou de forma condensada. A exemplo do texto poético, o ensino de língua, precisamente na parte do desenvolvimento de criticidade e interpretatividade, tudo pode ficar mais fácil se rever questões de tipologias de perguntas de compreensão e métodos que realmente façam o aluno pensar e assim exercitar-se.

2 TEXTOS POÉTICOS: INTERPRETANDO COM O ALUNO

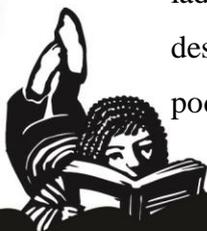
Um dos grandes problemas apresentado nesse trabalho é como os manuais didáticos tratam a seção de interpretação, destacando um certo atraso nas atualizações dos manuais de língua portuguesa. Realmente esses livros didáticos abarcam uma variedade de texto, mas quando chegam na hora do exercício, tudo volta a velha rotina do tradicionalismo.

Isso não deveria acontecer quando encontramos um texto poético, por exemplo, tendo em vista suas múltiplas interpretações e sua subjetividade que desperta um sentimento crítico em qualquer leitor que seja. Segundo José Paulo Paes apud Alves, o objetivo da poesia

É mostrar a perene novidades da vida e do mundo; atizar o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina; fazê-las sentir mais profundamente o significado dos seres e das coisas; estabelecer entre estas correspondências e parentescos inusitados que apontem para uma misteriosa unidade cósmica; ligar entre si o imaginado e o vivido, sonho e a realidade como partes igualmente importantes da nossa experiências de vida” (PAES 1996:27 apud ALVES 2005 pag. 62)

Mas qual motivo tem atrapalhado esse trabalho mesmo utilizando os texto poéticos? Essa questão é fácil de responder, afinal, a tipologia dos exercícios postos nesses manuais está diretamente ligada a isso. Segundo Marcuschi, as perguntas de interpretação geralmente apenas fazem o aluno reproduzir, tais como “retire isso ou aquilo do texto” ou “copie a fala de tal personagem”. O texto poético possibilita que o aluno vá além disso. Se instigado de forma certa, o aluno pode exercitar de maneira efetiva sua capacidade de interpretação.

Podemos perceber o quando se contradiz os estudos sobre ensino de língua, se por um lado as regras deixam de ser o centro das atenções, por outro aquilo que deveria tomar posse desse centro torna-se algo em que a mesmice é uma marca profunda. Como já foi dito, não se pode generalizar, mas é notório que os manuais de língua portuguesa precisam ^{(83) 3322-3222} ~~ter~~ ^{contato@enlije.com.br} ~~seus~~





VII ENLIJE

conceitos de ensino de língua, e de até onde pode se desenvolver a capacidade cognitiva de um aluno. O texto poético é um a ótima sida para esses estudos, porém deve se revalidar a forma de como são colocados afins de estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, ainda, que o ensino da literatura está organizado de uma forma antiga, em que o aluno é visto como um “ser depósito”. O livro didático corrobora com isso, tendo em vista sua superficialidade estrutural. O professor por sua vez, tendo uma desvalorização, e assim portando uma carga horária extrapolada, se ver obrigado a segui-lo.

O livro didático trata os textos literários como pretextos para o ensino de gramática e isso atrapalha o trabalho com a literatura tendo em vista que os alunos começam a ver a leitura como algo mecânico e cansativo. Em ralação aos alunos, essa ferramenta didática o ver como algo passivo, e acaba facilitando em suas atividades superficiais.

Para que o ensino de literatura seja realmente efetivado, o professor deve colocar o aluno em contato com a essência da literatura, fazê-lo refletir sobre a relação com seu contexto e deixar que o aluno crie novas possibilidades de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. – In: **O livro didático de português: múltiplos olhares**. DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Auxiliadora Maria (orgs). – 2. ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. Págs. 62-74.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**, 8ª Ed. – São Paulo: Parábola Editora, 2003

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF 1998.

EVARISTO, Marcela Cristina. Compreendendo textos: o questionário e o vocabulário. – In: **Aprender e ensinar com textos**. CHIAPPINI, Ligia (coord. geral). – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2001. Págs. 117-142.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. O poema, um texto marginalizado. – In: **Aprender e ensinar com textos**. CHIAPPINI, Ligia (coord. geral). – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2001. Págs. 143-166.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto. – In: **O livro didático de português: múltiplos olhares**. DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). – 2. ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. Págs. 48-61.





VII ENLIJE



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br